



QUAL A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR QUE SE NECESSITA HOJE? QUE UNIVERSIDADE SE BUSCA?!

Maria Otília Borba de Azevedo¹
Frederico de Azevedo Aranha²

RESUMO

A Instituição de Ensino Superior no país está formada pelas universidades, centros universitários e faculdades. Este artigo pretende, em especial, dar ênfase ao tema da Universidade, traçando brevemente sua trajetória histórica até os dias atuais, onde repousam desafios constantes, principalmente ante as novas tecnologias que permeiam a vida atual. Qual o papel que a mesma representa junto à sociedade nas relações de mercado e trabalho? O embasamento aqui acostado, muito embora se tenha dado destaque às universidades, também serve como arcabouço teórico para discussões e reflexões sobre as demais tipologias societárias de Ensino Superior. Que barreiras e paradigmas devem ser transpostos para a manutenção, principalmente da Instituição Universitária? O que se necessita?

Palavras-chave: Ensino Superior/Universidade; Tecnologia; Paradigma Pedagógico; Educação.

WHAT INSTITUTION OF HIGHER EDUCATION WE NEED TODAY? WE KIND OF UNIVERSITY WE SEARCH?

ABSTRACT

The institution of Higher Education in the country is formed by universities, university centers and faculties. In this work we intend, in a special way, give emphasis to the Theme University, tracing its historical trajectory until nowadays, where constant challenge lay, mainly before the new technologies which permeate current life. What the role the University represents along the society in the Market and work relations? The base here, although in highlight to the Universities, also can be used as a theoretical outline or other discussions and reflections about other Higher Education corporate typologies. What barriers and paradigms should be transposed for maintenance, mainly on University Institution? What we need?

Keywords: Higher Education/University; Technology; Pedagogical Paradigm; Education.

¿QUÉ INSTITUCIÓN DE EDUCACIÓN SUPERIOR SE NECESITA HOY? ¿QUÉ UNIVERSIDAD SE BUSCA?!

RESUMEN

La Institución de Enseñanza Superior en país está formada por las universidades, centros universitarios y facultades. Este artículo objetiva, en especial, dar énfasis al tema de la Universidad, desde su trayectoria histórica hasta los días actuales, donde están los retos, principalmente ante las nuevas tecnologías que hacen parte de la vida actual. ¿Cuál el papel que la misma representa junto a

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Advogada, Especialista em cooperativismo pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) e pela Universidade de Deusto em Bilbao/ Espanha, Especialista em Língua Espanhola pela PUCRS, Professora visitante da UNISINOS. Endereço eletrônico: <otilia.m@hotmail.com>.

² Aluno Especial do curso de Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialista em Gerenciamento de Projetos com Ênfase em T.I. (PUCRS), Graduado em Marketing Internacional pela Faculdade de Tecnologia TEC Brasil. Endereço Eletrônico: <aranha.azevedo@gmail.com>.



la sociedad en las relaciones de mercado y trabajo? El basamento aquí elegido, aunque la atención sean las universidades, también sirve como fundamentación teórico para discusiones y reflexiones sobre las demás tipologías societarias de Enseñanza Superior. ¿Qué entrabes y paradigmas deben ser ultrapasados para la manutención, principalmente de la Institución Universitaria? ¿Qué se necesita?

Palabras-clave: Enseñanza Superior/Universidad; Tecnología; Paradigma Pedagógico; Educación.

Introdução

O mundo está sempre mudando. O mundo que se conhece, o mundo em que se vive. Nossas realidades locais, mas também a realidade de outros locais: a realidade global. Realidade objetiva ou percebida, quaisquer questões que possam ser discutidas em ambiente acadêmico, seja filosófica ou educacional, não são de interesse imediato por um motivo simples: uma mudança prática está ocorrendo e ela não é universitária. É uma mudança cultural. O docente não é o propagador único, central, do conhecimento, tampouco a Universidade o é. A Universidade é um ente dentro de um conjunto de entidades que habitam o conjunto de instituições superiores dentro de um plano maior. E este é o plano social econômico. Assim aponta:

A economia global é hoje constituída pelas trocas e fluxos quase instantâneos de informação, capital e comunicação cultural. A sociedade permanece capitalista, mas à base dos meios tecnológicos com os quais ela saltou da energia para a informação. Nessa sociedade, as redes não são apenas uma nova forma de organização social, mas se tornaram um traço-chave na morfologia social que, no mundo dos negócios, passou das burocracias verticais às corporações horizontais (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 16).

Não há como o corpo docente ficar alheio às mudanças que foram trazidas pela tecnologia, como também qualquer Instituição de Ensino Superior, sobretudo a Universidade. Esta não pode enclausurar-se e ficar estática com as mudanças que continuam ocorrendo cada vez mais. Um novo cenário social foi desenhado a partir das mesmas, como aponta o autor supracitado, quando diz que as redes representam um eixo na forma da sociedade atual com sua enorme gama de informações. Ainda para corroborar tal visão, menciona-se: “Vivemos em uma era em que o que era considerado melhores práticas não é

bom quanto costumava ser. Os métodos que há séculos são usados, e foram refinados e otimizados com o tempo, não estão trazendo os mesmos resultados” (ISRAEL, 2010, p. 6). Com o passar dos anos a vida cotidiana do ser humano foi invadida por aparatos tecnológicos que passaram, em questão de décadas, a ocupar um papel central dentro de nossas instituições estabelecidas e, principalmente, dentro da família. Aquilo que outrora era suficiente, agora requer outra dinâmica educacional e social. Entender a problemática da Universidade contemporânea no que diz respeito à relação entre a mesma, as pessoas e o mercado, é a tônica. Quais barreiras e paradigmas devem ser transpostos para a manutenção da Instituição Universitária?

Um breve histórico da Universidade

A Universidade que hoje se conhece tem suas raízes nas escolas clássicas atenienses, passando por Hipócrates, Platão e Aristóteles. De fato, a Academia de Platão ou o Liceu de Aristóteles, assim como a Agência de Saúde de Hipócrates em Epidauro não eram Universidades e sim escolas, onde seus fundadores transmitiam seus conhecimentos de forma dialogada expositiva, tendo como base principal a Filosofia, a Ginástica, as Artes e, no caso de Hipócrates, a Medicina. Todavia, mesmo Hipócrates centralizava a transmissão de seus conhecimentos mais no âmbito da Filosofia do que na Medicina propriamente dita.

A Filosofia é tida como a mãe de todas as ciências e é notório o fato de que, na Idade Clássica, os fundadores das Ciências Matemáticas e até mesmo o fundador da Medicina eram, antes de tudo, filósofos. Seus passos marcam os primeiros movimentos na constituição da Universidade que conhecemos hoje, muito embora não possam ser de forma alguma caracterizados dentro do conceito atual de Universidade.

Movendo-se adiante no tempo, o conhecimento restringiu-se aos mosteiros da Igreja Católica durante mais de 1.000 anos após o nascimento de Cristo. Esta concentração do conhecimento teve um contexto específico e começou a diluir-se a partir do século XI, durante a baixa Idade Média. Neste período, surgiram núcleos fora dos centros eclesiásticos de ensino, mas com a chancela da Igreja. As mudanças nas formas de produção feudal levaram a ascendente classe burguesa a demandar o conhecimento então dominado pela

Igreja Católica. Os centros escolásticos passaram, assim, a receber paulatinamente estudantes das classes dominantes, que visavam, acima de tudo, à manutenção de um *status quo* e ao aprimoramento de seu sistema econômico nascente. Deste movimento eclode, então, junto ao Renascentismo, a fundação das primeiras Universidades europeias (BENINCÁ, 2011).

A palavra *universitas*, do latim, que significa “universo/o todo”, foi empregada definitivamente a partir do século XIV nos centros corporativos escolásticos chancelados pela Igreja Católica ou pelo poder civil, e passou a denominar o centro onde alunos e professores reuniam-se para o ensino e a aprendizagem.

Ao longo dos séculos, a Universidade buscou atender às demandas não só do mercado, mas também da sociedade. Diversas visões e ideologias foram construídas ao redor dos centros acadêmicos, e hoje não existe uma visão dominante, mas diferentes paradigmas e aplicações que variam entre estados e regiões ao redor do mundo.

Resgate histórico da Universidade no Brasil

Até 1808, data da chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, não havia escolas de ensino superior instaladas em nosso país. Diversos autores afirmam que Portugal não desejava que no país se estruturasse um sistema produtivo, pois, desta forma, manteria o domínio e o controle de sua então colônia nas mãos dos nobres e de seus filhos, educados na Universidade de Coimbra, uma das 10 Universidades mais antigas do mundo e, também, alicerce ideológico do controle português.

Mesmo após a chegada da Coroa, até 1900 não passavam de 20 as escolas de ensino superior nas terras brasileiras, sendo a primeira delas a Faculdade de Direito de Olinda, fundada em 1827. Estas escolas eram, até então, direcionadas, em sua maioria, para o ensino das ciências humanas, como Direito e Medicina e, além destas, a Escola de Engenharia (BENINCÁ, 2011).

A primeira instituição deste porte fundada no Brasil foi a Universidade de Manaus, em 17 de janeiro de 1909, hoje conhecida como Universidade Federal do Amazonas. Cabe ressaltar a diferença entre Faculdade e Universidade. Uma Universidade

oferece uma pluralidade de cursos em seu corpo, assim como tem autonomia para modificar as estruturas curriculares dos cursos que oferece. Também deve oferecer cursos de ensino terciário (graduação), quaternário (pós-graduação) e extensão acadêmica – através dos quais estabelece vínculos com a sociedade e indivíduos que não sejam, necessariamente, alunos de cursos de ensino superior. Faculdades oferecem cursos isolados e específicos, e não possuem a autonomia legal de uma Universidade, e estão sob controle pedagógico mais rígido pelas legislações pertinentes, desde a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* de 1996, até o Decreto 5773/2006, que expressa a organização das Instituições de Ensino Superior no Brasil.

Ainda em termos históricos, no início do século XX e nos primeiros anos da República, o Brasil continuou sofrendo influências externas que contribuíam para a não criação de Instituições de Ensino Superior, polivalentes e de cunho tecnicista, prático e experimental. Foi na década de 20, acompanhando uma série de movimentos culturais, que o Brasil viu florescer uma nova Universidade. Dentre estes movimentos estão a Semana de Arte Moderna de 1922, a criação da Academia Brasileira de Ciências, também em 1922, a Associação Brasileira de Educação, em 1924, e outros. Foi nesta década, também, que surgiu a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920. Todos os movimentos culturais e as contradições entre as novas ideias surgidas na década de 20, no tocante à renovação social, culminaram na assim chamada Revolução de 1930, de acordo com a própria história da Universidade Federal do Rio de Janeiro, assim batizada em 1965 (BENINCÁ, 2011).

Luciane Stallivieri (2012) divide a história da educação no Brasil em quatro grandes fases, sendo a primeira até 1930, quando a ênfase universitária era elitista e a investigação não tinha espaço definido. A segunda coloca-se entre 1930 e 1968, com a criação de mais de 20 Universidades federais a partir de uma expansão do sistema público de ensino, criação de Universidades confessionais e a contratação de professores europeus. A partir de 1968 e até 1988 verifica-se uma melhoria expressiva no que diz respeito à administração das Universidades e sua departamentalização, assim como uma reforma universitária que englobou a investigação científica, tendo em vista a inserção do Brasil nos mercados externos. Nesta época, o ensino superior passou a ter um caráter mais tecnicista, mas o pensamento crítico foi paulatinamente removido das Universidades pelo regime

militar no país. Foi em 1988, com a nova Constituição Federal e uma série de regulamentações no ensino superior que se iniciou a quarta grande fase, de acordo com a autora já citada.

Cabe colocar a constante divisão entre o que autores consideram uma organização social e uma instituição social. Uma instituição social tem deveres para com a sociedade que vão além daqueles de uma organização social, que se basta por si só e visa ao mercado, assim como se espelha em outras organizações. A crítica que se faz com essa diferenciação é de que as Universidades têm se transformado em organizações sociais em função de pressões do próprio mercado e da expansão da oferta de vagas no ensino privado. Em média, 67% das vagas ocupadas no ensino superior são em instituições de ensino privadas, o que apresenta uma deficiência altíssima no sistema público de educação e, também, uma forte concorrência entre estas instituições privadas, desde nosso ponto de vista (dos autores do presente artigo), colocando o ensino como produto e relegando compromissos sociais, uma vez que agora o ensino é fortemente uma mercadoria, e o mercado não reconhece, na maioria das vezes, uma ética social. Em termos gerais, o resultado deste fenômeno é a transformação do aluno e do ensino em uma externalidade capitalista. Honroso dizer que há universidades que conciliam o papel do saber com o de ser, indo além dos conhecimentos científicos e mercadológicos. Em consonância com as colocações do professor universitário Nelson Valente (2012), se é inclinado a dizer que muito se discute o acesso ao ensino superior, haja vista as recentes discussões sobre as variadas cotas, mas discutir realmente o que é o ensino superior, não se debate. Nesta mesma linha, aponta que o Brasil nunca definiu se deseja ter uma Universidade qualificada.

Evidente que o fórum de discussão tem que ser amplo e organizado, pois há instituições superiores que ofertam qualidade, que exercem o seu papel social e que não deixam de atender às demandas do mercado.

Dias atuais

Encerrando este resumo resgate histórico e trazendo o texto para o presente momento, cabe citar José Saramago, em seu texto intitulado *Democracia e Universidade*, de

2010. No texto (p. 82-83, 2010), o mesmo afirma que “[...] não há solução para os problemas da Universidade, se não se encontrar solução para os problemas do ensino primário e médio; tudo é um bloco homogêneo e coerente”.

Para o autor, “a Universidade é um lugar de discussão, não uma ilha onde o aluno desembarca para sair com um diploma”.

Não resta dúvida que a problemática do ensino universitário vai além, pois se trata do ensino como um todo: do básico ao superior. A qualidade deveria estar presente em todo meio educacional formal. Não é foco deste artigo uma discussão tão ampla, porém, as colocações acima servem para instigar-nos e aferir a realidade em que se insere a Universidade Brasileira.

A Universidade brasileira no século XXI frente às mudanças tecnológicas e sociais

De acordo com Lauro Morhy (2003):

[...] a condição pós-moderna, ao transformar o saber na principal forma de produção, exigiu novos critérios para avaliar os conhecimentos produzidos; e tais critérios nada têm a ver com metarrelatos legitimadores, mas com a capacidade de circulação num mercado mundial de conhecimentos (MORHY, 2003, p. 16).

Morhy também afirma que a direção da Universidade no século XXI é um assunto ainda controvertido.

Norberto Francisco Rauch, no seu capítulo inserido no mesmo livro *Universidade em Questão*, publicado em 2003 (p. 127, 134), aponta que a Universidade é uma das mais antigas instituições humanas ainda vivas, e este fato por si só demonstra sua capacidade de adaptar-se às necessidades específicas de cada época, embora este processo adaptativo ocorra ora de forma lenta, ora de forma mais rápida (Rauch,, Norberto Francisco In MORHY, 2003).

Para Cristovam Buarque (In MORHY, 2003, p. 33-51) “[...] o aluno precisa entender que passar do ensino médio para a Universidade não é uma continuação, mas uma ruptura”. Desta forma, como já colocado neste artigo pelas palavras de José Saramago, a

Universidade contém, em si, um dilema que não é só seu, mas de todo o sistema público de ensino: a linearidade imposta por um ensino superior elitista já não comporta os paradigmas de nossa sociedade. A citação de Buarque é de 2003, anterior a de Saramago, de 2010, o que torna a questão ainda viva e válida. Ainda mais do que isso, torna-a não resolvida.

Buarque põe a Universidade brasileira diante de um problema sério ao dizer que a mesma está diante de um desafio difícil. Em sua forma atual, ela não conseguirá resistir à velocidade como avançam o conhecimento e sua divulgação. A Universidade não consegue acompanhar aquilo que ela indiretamente criou e para cujo objetivo foi inventada: “descobrir e divulgar” (Buarque, Cristovan In MORHY, 2003, p. 36).

Alunos egressos de cursos superiores não encontram emprego porque a Universidade não soube sintonizar-se com as demandas do mercado. Novos gênios sem formação acadêmica ditam as regras de um mercado que anda a passos mais largos do que a Universidade. O quadro gera um mal estar dentro do mundo acadêmico, principalmente entre docentes, que querem retomar o estado de harmonia e encontram-se descontentes; mas este incômodo ainda deve persistir até que a instituição, como um todo, adeque-se ao novo.

Em uma crítica ainda mais pesada, Cristovam Buarque (In MORHY, p. 36, 2003) afirma que: “a instituição, em um quadro de acomodação gerada pelo aprimoramento do sistema departamentalizado e pela excelência administrativa atingida no passado, hoje vê enrigidecido o processo de mudança tão necessário na mesma”.

Ainda cabe trazer à baila algumas colocações de Morhy que elucidam a problemática atual das universidades e, pode-se dizer que também se estendem às faculdades e centros universitários.

A Universidade ficou tão consciente de sua importância no ensino de suas disciplinas, em seus departamentos, que deixou de lado a preocupação com o seu propósito ontológico. Formar alunos passou a ser a finalidade e não um meio para fazer um mundo melhor e mais belo, melhor pelas técnicas, mais belo pela verdade e pela arte (MORHY, 2003, p. 43).

Encerrando o estudo do texto de Cristovam Buarque, “o mundo sai da tendência evolutiva em direção ao sonho de igualdade e liberdade graças ao avanço técnico, e se

encontra numa encruzilhada, na véspera de uma ruptura” (BUARQUE; CRISTOVAN In MORHY, p. 43, 2003).

No contexto atual, organizações de ensino paralelas à Universidade surgem para atender uma demanda que a Universidade já não consegue prover integralmente. No bojo destas necessidades não atendidas surgem universidades corporativas, centros de estudos empresariais, centros de pesquisas corporativos mais eficientes do que os centros de pesquisa universitários, cursos de tecnologia cada vez mais difundidos em instituições de ensino superior isoladas. Neste cenário cada vez mais competitivo, a Universidade confunde seu papel de instituição social com o de organização social, ora tentando competir em um mercado de treinamento técnico, ora tentando ser aquilo para qual foi criada: uma instituição do saber e da sociedade.

Aqui se faz uma analogia ao juramento que todo médico faz a Hipócrates em sua colação de grau. Hipócrates não teve formação universitária na forma como conhecemos. Em 2005, em Stanford, Steve Jobs fez um discurso para os formandos daquele ano e, silenciosamente, todos juraram e aderiram à filosofia de Jobs, um homem sem formação acadêmica, enquanto ele pregava sua forma de viver a vida e ensinava àqueles jovens paradigmas de uma era que o próprio Jobs ajudou a construir. Agora, os egressos fazem seu juramento a ícones que sequer universitários ou acadêmicos o são, estes jovens tem ciência plena da era em que vivem: a era do conhecimento aplicado, não do conhecimento *acadêmico* aplicado. O impacto nos anos seguintes deste dia emblemático em Stanford pode ser conferido em livros como *Start Up*, de Jessica Livingston, no qual diversos casos de empreendedorismo na área da tecnologia da informação são analisados, e grande parte deles não surge no seio da Universidade (LIVINGSTON, 2009).

Cabe aqui ressaltar que projetos de inovação na área da tecnologia da informação requerem sempre estudo e pesquisa. Mesmo que se coloquem como inocentes em seu processo criativo, estes empreendedores são autodidatas e pesquisadores autônomos.

Indubitavelmente, o momento é de reflexão e, sendo a Universidade a continuação do espaço no processo educacional, quando este espaço não encontra eco na

sociedade, urge mudar algo. Michel Fullan (2009) brinda-nos com ilações inarredáveis a respeito do significado da mudança educacional:

Assim, não se lance ao futuro da mudança educacional, a menos que você tenha um plano para localizar e liberar novas formas de energia. Temos usado as fontes de energia existentes até o limite, de modo que a única solução é encontrar outras formas diferentes de energia, que sejam potencialmente abundantes, renováveis e de baixo custo. Essa energia somente pode ser o capital humano e social (FULLAN, 2009, p. 269).

Nesta linha, somos levados a refletir que a mudança envolve aspectos humanos, quando se fala em mudar hábitos e atitudes. O capital humano presente na Universidade, desde a equipe diretiva/administrativa, alunos, professores, funcionários e a comunidade, tem que ser partícipe da mudança que se quer implementar, pois obteremos sucesso se envolvermos os pares que nela se encontram. A energia necessária para a mudança vem da motivação, como afirma Fullan (2009): “se as pessoas não encontrarem significado na reforma, ela nunca terá impacto”. (FULLAN, 2009, p. 270)

Carlos Vogt (In MORHY, 2003, p. 83-97) também complementa, afirmando que o mundo contemporâneo é o mundo da transformação do conhecimento em riqueza. Em seu ponto de vista, enfrentar este desafio dentro da Universidade é colocá-la dentro do processo que se inicia na pesquisa básica e se encerra na pesquisa aplicada, que conduz à inovação tecnológica. Embora hoje seja fato termos incubadoras tecnológicas presentes nas Universidades, os verdadeiros líderes nesta transformação de conhecimento em produtos de mercado são as próprias empresas.

Ainda segundo Vogt, sobre a confusão em que se encontra a Universidade brasileira, dados do longínquo ano de 2000 já mostram os sinais da confusão entre organização social e instituição social pela qual todas as Universidades, públicas ou privadas, passam: 65% do número de matrículas no ensino superior daquele ano entre alunos entre 18 a 24 anos foram feitas em instituições privadas. Não há vagas suficientes no ensino superior público para todos os brasileiros e existe uma competição enorme entre as instituições e organizações de ensino superior pelos alunos egressos do Ensino Básico. Dizer que a mudança na Universidade é uma questão filosófica ou ética é apenas ideologia. A

mudança é, também, mercadológica. Se a Universidade deixar de atender a necessidade dos alunos e do mercado, deixará de existir porque outras organizações cumprirão seu papel. Esta ideologia neoliberal de *laissez-faire* coloca as instituições de ensino superior no Brasil em um momento drástico de ruptura e de redefinição – social, ética, política, pedagógica e mercadológica - até aqui, pelo menos, de acordo com os autores estudados (MORHY, In MORHY, 2003).

Encerrando a contextualização da Universidade brasileira frente às mudanças em nossa sociedade e às mudanças tecnológicas, Frederic M. Litto é referência e cabe aqui uma citação sua, assim como um de seus ideários para que a Universidade atual possa alcançar o ritmo do mercado e da sociedade:

Muitas Universidades ainda não perceberam que a chegada das novas tecnologias de informação muda totalmente o papel da instituição no processo educacional, e que aquelas que não conseguem se adaptar às mudanças, por inércia institucional, verão suas funções tornadas obsoletas, suas bases financeiras destruídas, sua tecnologia substituída, e seu papel na investigação intelectual reduzido. Por essa razão, é pouco provável que instituições de ensino superior já estabelecidas consigam, a curto ou médio prazo, criar amplos programas curriculares dirigidos à formação de líderes preparados para o estabelecimento de uma sociedade que saiba preservar o planeta (Litto , Frederic M. In MORHY, 2003, p. 107-108).

Em seu ideário de tarefas para a reformulação da Universidade, Litto propõe que o:

[...] pensamento sistêmico seria um dos pilares dessas instituições, preparando futuros cidadãos, dotando-os de capacidade para lidar com complexidade, entendendo causalidade não linear e a natureza de um mundo com contingências, a importância do contexto, de feedback e de uma visão holística, bem como o perigo de negligenciar consequências não pretendidas (LITTO; FREDERIC In MORHY, 2003, p. 109).

Cidadãos capazes de reflexões, discussões, de diferentes abordagens e conscientes de que em um mundo sem fronteiras somos todos cidadãos do mundo e responsáveis pelo espaço global, a formação cidadã deveria vir desde o ensino fundamental e seguir a cada dia de nossas vidas. Não raras vezes, chegam aos bancos acadêmicos alunos adolescentes, ainda ávidos por imagens, sons, luzes e cores, simplesmente querendo viver o

momento social e suas vidas, ignorando todo o resto – porque não lhes foi ensinado a viver uma vida cidadã ou simplesmente consciente. Que professores estão preparados para lidar com estes alunos?

É preciso substituir a pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados por uma pedagogia da pergunta, do melhoramento das perguntas e do “acessamento” de informações. Em suma, por uma pedagogia da complexidade, que saiba trabalhar com conceitos transversáteis, abertos para a surpresa e para o imprevisto (ASSMAN, 1998, p. 33).

Das relações entre universidade, mercado e pessoas

A Revista Brasileira de Inovação de julho-dezembro de 2009 apresentou, como destaque, um artigo intitulado *Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation*. O artigo, escrito em 1990 por Wesley M. Cohen e Daniel A. Levinthal e apresentado por Janaína Ruffoni Trez é, obviamente, antigo. Entretanto, serve a um propósito atual: demonstrar como a Universidade preparou o mercado a partir de seus estudos acadêmicos e como, hoje, não consegue adaptar-se à realidade que ela mesma ajudou a construir. A revolução iniciada pelo surgimento da internet e sua difusão dentro das Universidades também criou produtos que, mesmo hoje, a Universidade tem dificuldade em assimilar. Mais do que teorias, a instituição foi o berço de novas culturas para novas gerações no que diz respeito à tecnologia da informação que, no próximo item desse artigo, serão abordadas.

Voltando ao artigo publicado na Revista Brasileira de Inovação, é notório o fato de que os autores entendem, em seu trabalho, que a corporação passou a ser o centro da geração de conhecimento e alimenta-se, agora, de si mesma e do mercado, não da Universidade. O mercado, mais agressivo a cada instante, obriga empresas a trabalharem em ritmo acelerado, inclusive no que diz respeito à geração e à absorção de novos conhecimentos.

Retomando o contraponto entre organização social versus instituição social, fica claro que as Universidades privadas são, agora, um ente híbrido desses dois conceitos.

Precisam manter sua identidade ao mesmo tempo em que competem por alunos advindos do Ensino Médio ou do próprio mercado, por assim dizer.

Na apresentação do artigo, Trez coloca os elementos que constituem a capacidade de absorção de conhecimento em uma empresa: “o nível de conhecimento tecnológico prévio, realização de P&D próprio e a realização da atividade de manufatura” (COHEN & LEVINTHAL, 2009, p. 273). Desta forma, vemos que a apresentação instiga e foi escrita para empresários. O que podemos perceber no artigo é muito mais do que a construção de elementos que geram a capacidade de absorção de conhecimento, como será apresentado a seguir.

Inicialmente, o texto introduz questões cognitivas e individuais. Neste sentido, enriquece o presente estudo apresentando um conceito ainda válido sobre aprendizagem: é mais eficaz trabalhar novos conhecimentos tendo como base conhecimentos já estabelecidos, criar uma conexão entre o que o homem sabe e aquilo que ele deseja ou precisa saber.

Aprender a aprender é mais uma expressão do que um tema abordado diretamente no estudo. Segundo os autores, uma gama de conhecimentos variados permite ao portador dos mesmos um conhecimento a respeito de seus próprios processos de aprendizagem. Como exemplo, é citada a experiência japonesa em suas fábricas, que promovem rodízios entre os gerentes de pesquisa em diferentes áreas (COHEN & LEVINTHAL, 2009).

De acordo com Mosquera (2012, registro de aulas expositivas do Mestrado em Educação da PUCRS): “aprender é uma capacidade inata do ser humano”. É preciso criar o ambiente próprio para a aprendizagem, estimulando e motivando o aluno a buscar conhecimento. Ter um profundo conhecimento sobre o tema a ser ensinado é fundamental, assim como dominar aspectos culturais envolvendo o meio no qual está inserido o aluno e, também, a Universidade.

Entra aqui uma das principais reflexões que o artigo *Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation* suscita: a síndrome NIH (*not-invented-here*). Em português, Síndrome do Não Inventado Aqui. Digirindo-se a empresas, os autores afirmam que se fechar para aquilo que é de fora é um passo largo em direção ao fracasso. Neste

ponto, será que a Universidade não sofre de tal síndrome? A cultura do homem, hoje, é aprendida não só em casa ou na escola. Na verdade, a escola, o lar e o ensino superior nunca foram fontes exclusivas do saber humano. Entretanto, a cultura que os jovens aprendem é diferente daquelas que os professores aprenderam. E existe uma diferença muito grande entre estas culturas justamente em função dos novos adventos tecnológicos, a internet e as relações sociais virtuais. A Universidade, fechada em si e em seus departamentos, não consegue encontrar e aprender uma cultura que não é sua nem foi criada em seu seio. A era dos nativos digitais certamente teve um início dentro da Universidade, mas seu desenvolvimento como cultura foi autônomo, e segue sendo (COHEN & LEVINTHAL, 2009).

Professores antigos não conseguem abraçar esta nova cultura, não por serem antigos, mas por não estarem abertos ou organizados para tanto. A velha guilda universitária precisa gerir esta nova cultura dentro de seu quadro docente. Designar multiplicadores e abraçar a contemporaneidade para seguir sendo uma instituição válida, assim como uma organização social competitiva em termos de mercado.

Neste momento é importante trazer, resumidamente, algumas colocações de Asmann que elucidam as colocações feitas, e pelas quais podemos traduzir escola como Universidade:

Duas coisas devem andar juntas em nossa maneira de entender a educação: a melhoria pedagógica e o compromisso social. A educação só consegue bons “resultados” quando se preocupa com gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidade para saber acessar fontes de informação sobre os mais variados assuntos. São três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escritura (saber ler e escrever), o sócio-cultural (saber em que tipo de sociedade se vive, p. ex., saber o que são mecanismos de mercado) e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas). Toda escola incompetente em algum desses aspectos é socialmente retrógrada (ASSMANN, 1998, p. 123).

A capacidade de absorção deve ser desenvolvida nas Universidades. Substituir docentes antigos, acreditando que isso criaria nova cultura, seria enterrar os valores da instituição e apagar sua própria história, fazendo dela mais uma organização social desassociada de qualquer pilar ético, moral ou filosófico. É preciso mudar alguns paradigmas, ajustar as velas e seguir adiante.

É importante ressaltar que a Universidade – apesar de alguns autores verem a situação deste ângulo – não vive um momento apocalíptico. No artigo *Práticas educacionais nas empresas e o significado do aprendizado para os trabalhadores*, publicado na *Revista de Ciências Humanas* de abril de 2010, os autores Leonardo Nelmi Trevisan, Elza Fátima Rosa Veloso e Wilson Aparecido Costa de Amorim, apresentam resultados que contribuem muito para o presente artigo. Os autores afirmam, após extensa pesquisa, que o trabalhador brasileiro ainda enxerga na Universidade uma forma de realização pessoal. Este sentimento faz parte da cultura de nosso país e não irá se dissolver em curto espaço de tempo. Invariavelmente, a Universidade brasileira se adaptará. Nas considerações finais do artigo citado, os autores apresentam o que consideramos não uma grande ruptura, mas a aquisição de um novo paradigma que contrapõe qualquer visão catastrófica. Isto é, a Universidade seguirá viva e se adaptará, pois já faz parte da cultura do país e do sentimento de realização pessoal de pessoas e, conseqüentemente, de grupos familiares – chegando à nação como um todo (TREVISAN, VELOSO & AMORIM, 2010).

Embora a adaptação do corpo docente em relação à cultura da sociedade atual e do corpo discente seja simplesmente uma adaptação, no ponto de vista dos autores do presente artigo existem questões que vão além desta adaptação e que são apresentadas no artigo de Noah De Lissovoy, na revista *Harvard Educational Review*, número 2, de 2010. Em seu artigo intitulado *Rethinking Education and Emancipation: Being, Teaching and Power*, a verdadeira ruptura não se encontra na adaptação de práticas didáticas e pedagógicas. No ponto de vista de De Lissovoy, estas adaptações não são nada senão mero ajuste em uma engrenagem que atende a necessidades específicas de um sistema já estabelecido e que ignora o ser humano. Este sistema é desumano, afasta o homem de si mesmo e subjuga-o ao seu próprio estado das coisas. Uma reforma no sistema de ensino tendo como premissa o homem, não o sistema capitalista ou as necessidades do mercado, seria uma verdadeira ruptura em nosso sistema educacional (DE LISSOVOY, 2010).

A Universidade deve alçar-se acima de qualquer sistema econômico ou social, sendo um espaço solidário entre professores e alunos. Não um sistema que oprima o aluno e o obrigue a fazer parte e acreditar em uma forma de vida e de ensino que não são abertas para o ser nem para o que poderia ser. Quando nascemos, nos são impostos esta forma,

este estado, este sistema. A Universidade só será plena, de acordo com De Lissovoy, quando conseguir superar estes entraves ideológicos e postar-se acima de tudo, transformando-se em uma máquina independente de pensamento e que forma pessoas livres (DE LISSOVOY, 2010).

Revisitando o tema exposto, esta mera adaptação de práticas nada faz, senão corroborar com o aperfeiçoamento do próprio sistema econômico no qual se encontra a Universidade. Este debate, entretanto, é assunto para um futuro artigo e está presente aqui, ao fim desta exposição a respeito da relação entre a Universidade, o mercado e as pessoas, para concluir o panorama geral descortinado a respeito da instituição universitária brasileira do século XXI e suas relações com o meio.

Considerações finais

Quando se iniciou a pesquisa para este artigo, o intuito era o de publicar um estudo sobre a Universidade que contasse, também, com uma definição do estado da arte do relacionamento social digital e uma apresentação a respeito da dita Geração Y. No decorrer do processo de confecção deste artigo percebeu-se que, mais do que uma atualização tecnológica ou didática, a Universidade precisa se redefinir. Tecnologias mudam e novas gerações virão. A ruptura citada por Cristovam Buarque é paradigmática, quase dogmática. Uma instituição que meramente se adapta ao mercado e a condições temporais evolui junto com algo maior, com um sistema que é maior do que si e não necessariamente melhor ou bom.

Desta forma, convém pensar que Universidade se quer e se necessita hoje. Uma que simplesmente se molde ao sistema e às necessidades educacionais superficiais de uma nova geração, ou uma Universidade que enxergue o homem através de todas as camadas que o cobrem? A tecnologia é nada senão mais uma camada. Mais uma camada de várias. É necessário começar a pensar em um sistema de ensino que busque a essência de cada um e não apenas atenda a demandas. Uma Universidade como qualquer outra Instituição de Ensino Superior, que atende a demandas, não é uma Universidade, é uma empresa de ensino e de treinamento profissionalizante.

Muito ainda há que estudar e a atualização - tecnológica e social, não deixa de ser relevante assunto para futuros artigos. De qualquer forma, este artigo atende a um propósito maior: delinear o momento atual da Universidade brasileira e abrir as portas para o pensamento crítico em direção a uma reformulação pedagógica e, posteriormente, didática.

A relevância do século XXI para a Universidade é enorme. A Universidade há que ir além, clama para ser mais crítica e mais inovadora. Mais aberta para o aluno, mais aberta para a sociedade – não para uma sociedade que precisa de capacitação profissional, mas para uma sociedade que precisa de pessoas que saibam pensar positivamente e que queiram construir algo melhor para o futuro. Pessoas que queiram mais do que atender demandas.

Referências

ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BENINCÁ, Dirceu (org.). **Universidade e suas Fronteiras**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. Absorptive capacity: a new perspective on learning and innovation. **Administrative Science Quarterly**, v. 35, p. 128-152, 1990.

COHEN, Wesley M. & LEVINTHAL, Daniel S. Absorptive Capacity: A new perspective on learning and innovation. **Revista brasileira de inovação**, Rio de Janeiro, v. 8, n 2, p.273-301, 1990.

DE LISSOVOY, Noah. Rethinking Education and Emancipation: Being, Teaching and Power. **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 80, n.2, p. 203-219, 2010.

FULLAN, Michael. **O Significado da mudança educacional**. 4. ed. Porto AlegreS: Artmed, 2009.

ISRAEL, Shel. **A era do twitter**: como a ferramenta de mídia colaborativa mais dinâmica da atualidade pode revolucionar seus negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LIVINGSTON, Jessica. **Startup**: fundadores da Apple, do Yahoo, Hotmail, Firefox e Lycos contam como nasceram suas empresas milionárias. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

BUARQUE, Cristovan; LITTO, Frederic M.; MORHY, Lauro; RAUCH, Norberto Francisco; VOGT, Carlos In MORHY, Lauro (org.). **Universidade em Questão**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

SANTAELLA, Lucia e LEMOS, Renata. **Redes sociais: A cognição cognitiva do Twitter**. São Paulo: Paulos, 2010.

SARAMAGO, José. **Universidade e Democracia**. *Revista Visão*, Porto, p. 82-83, maio de 2003.

STALLIVIERI, Luciane. **O sistema de ensino superior do Brasil – Características, tendências e perspectivas**. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/ucs/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos>>. Acesso em: 13 Abril 2012.

TREVISAN, Leonardo N.; VELOSO, Elza F.R. & AMORIM, Wilson A.C.de . Práticas educacionais nas empresas e o significado para os trabalhadores. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 44, n. 1, p. 171-189, 2010.

VALENTE, Nelson. Disponível em: <<http://www.portaldoautor.org.br>>. Acesso em: 23 Outubro 2012.

RECEBIDO EM 01 DE MARÇO DE 2013.

APROVADO EM 01 DE JUNHO DE 2013.